

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E  
HISTÓRIA NACIONAL

CAMILA FERNANDES DE SALVO

**CAROLINA DE JESUS NO CONTEXTO DA LITERATURA BRASILEIRA DE  
AUTORIA FEMININA**

CURITIBA - PR  
2016

CAMILA FERNANDES DE SALVO

**CAROLINA DE JESUS NO CONTEXTO DA LITERATURA BRASILEIRA DE  
AUTORIA FEMININA**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima

CURITIBA - PR

2016

CAMILA FERNANDES DE SALVO

**CAROLINA DE JESUS NO CONTEXTO DA LITERATURA BRASILEIRA DE  
AUTORIA FEMININA**

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista, do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Curitiba, 6 de dezembro de 2016.

---

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima - UTFPR

Orientador

---

Profa. Dra. Maurini de Souza – UTFPR

Avaliadora

---

Prof. Dr. Zama Caixeta Nascentes – UTFPR

Avaliador

A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a minha mãe, Virginia, e ao meu namorado, Anderson, por serem meus maiores apoiadores nessa empreitada e torcerem por mim sempre.

Às minhas queridas amigas Andresa Serpejante, Maureen Javorski, Vanessa Massuchetto e Jessica Paris, por serem as melhores amigas que alguém pode conhecer em um curso de pós-graduação.

E agradeço a mim mesma, por nunca desistir do que é importante.

## RESUMO

SALVO, Camila Fernandes. **Carolina de Jesus no contexto da literatura brasileira de autoria feminina**. 2016. 29 f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

Por meio deste trabalho, buscou-se explorar o tema da escrita literária realizada por mulheres, mais especificamente por Carolina Maria de Jesus, dentro de seu contexto de marginalidade e pobreza, interseccionando a obra da autora com pontos de vista de outras escritoras mulheres acerca do fazer literário e da representação feminina na literatura. Houve, ainda, o objetivo de contextualizar histórica e socialmente a obra de Carolina e de sua condição como mulher negra e moradora da favela e apresentar tais aspectos como elementos que interferem em sua produção escrita e em seu acesso à Literatura e de demonstrar que sua obra pode se estabelecer como precursora do que veio a ser chamado de literatura marginal.

**Palavras-chave:** Estudos de gênero. Literatura feminina. Carolina de Jesus. Literatura Marginal. Literatura Afro-brasileira.

**SUMÁRIO**

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. UM TETO QUE NÃO É SEU.....	9
3. MULHER, NEGRA E PERIFÉRICA.....	19
4. SER MULHER E ESCREVER LITERATURA HOJE.....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
6. REFERÊNCIAS.....	27

## 1. INTRODUÇÃO

*É preciso ter coragem  
Para ser mulher nesse mundo.  
Para viver como uma.  
Para escrever sobre elas.  
(thinkolga.com)*

*Me myself I got nothing to prove  
(Fast car - Tracy Chapman)*

A hipótese a ser formulada como questão norteadora deste trabalho é a interioridade, a subjetividade da personagem na obra literária analisada em perspectiva com sua condição de mulher, negra e favelada no Brasil da década de 1950. Somado a isto, seu desafio de contradizer suas possibilidades e encontrar meios de realizar sua produção literária, ainda que precariamente.

Buscou-se também realizar uma breve análise das condições de atuação das mulheres no campo das letras ao longo dos séculos XIX, XX e XXI no Brasil, além de apresentar um breve histórico da produção literária e jornalística feminina no contexto brasileiro, bem como explicitar o espaço a ser ainda conquistado pela mulher negra nessa conjuntura.

O desenvolvimento do tema deu-se por meio da pesquisa fundamentada em livros e artigos relacionados ao tema e à área, além de sites da internet e pequenos documentários e entrevistas produzidos sobre Carolina Maria de Jesus. De posse das informações teóricas, bem como da reflexão necessária, foi estabelecida análise e, a partir dela, a elaboração da teoria e da discussão acerca do tema.

A pertinência da abordagem se encontra no fato de que ainda há pouca representatividade no que diz respeito à produção literária afro-brasileira feita por mulheres. Também se insere a importância de investigar a alteridade expressa nessas narrativas para além da representação de estereótipos e construções alheias à sua identidade, mas sim a partir de suas memórias, de sua resistência, seus olhares, suas próprias palavras.

Esta monografia se divide entre os capítulos "Um teto que não é seu",

título inspirado na ideia (e livro) de Virginia Woolf de que a mulher, para escrever, precisa de *um teto todo seu*, coisa que Carolina não tem, embora tivesse um barraco na favela, de onde ela querida, mais do que tudo, ir embora; porque não é possível criar quando mal é possível existir.

Como forma de discussão do contexto em que viveu Carolina e da questão social que envolve tal realidade, o capítulo “Mulher negra e periférica” objetiva desconstruir um ideal eurocêntrico de representação do negro e resgatar o viés dado por aqueles que são também agentes da história e da cultura brasileira.

E, de forma mais ampla, de que maneira “ser mulher e escrever literatura hoje” se articula com o assunto aqui proposto, de forma a trazer para a atualidade as questões discutidas nesta monografia, bem como a posição da mulher na sociedade e sua relação com a produção literária.



## 2. UM TETO QUE NÃO É SEU

Nascida em 14 de março de 1914, em Minas Gerais, e falecida em 1977, em São Paulo, Carolina Maria de Jesus foi uma das poucas escritoras representantes femininas negras no Brasil. Seu avô havia sido escravizado. Ela era filha de meeiros que realizavam atividades agropecuárias. Quando declinou a economia de extração do ouro, a família migrou de Desemboque para Sacramento, Minas Gerais.

Carolina frequentou a escola até a segunda série do ensino fundamental, tendo que interromper os estudos, pois trabalhava como lavradora, período em que aprendeu a ler e escrever, o que era excepcional para uma mulher negra em seu tempo.

Estudou no Colégio Allan Kardec, em Sacramento, primeiro colégio espírita do Brasil, e tal oportunidade de estudo se deve ao fato de que, na época, pessoas influentes contribuíam financeiramente para manter crianças pobres da cidade estudando. Carolina, desta forma, teve como benfeitora a senhora Maria Leite Monteiro de Barros, para quem a mãe de Carolina trabalhava.

A filha de Carolina, Vera Eunice, contou em uma entrevista um fato pitoresco sobre a mãe. Quando era criança e aprendeu a ler, Carolina ficou tão feliz que saiu correndo pela cidade lendo todas as tabuletas, demonstrando o encanto pelas letras que desenvolveu desde cedo. O primeiro romance com que teve contato foi *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães. A partir disso, em suas leituras, dentre outros, estão os românticos, o poeta Luís Vaz de Camões e os romances-folhetins.

Após a morte de sua mãe, Carolina ainda jovem migrou para a cidade de São Paulo, a pé, de acordo com depoimento de Vera Eunice, trabalhando por um período como empregada doméstica em casa de famílias abastadas da capital, como os Matarazzo e também na residência do Dr. Zerbini, primeiro médico brasileiro a realizar um transplante de coração, casa na qual teve acesso a uma biblioteca, onde passava seus dias de folga. Ao engravidar, teve que abandonar o emprego.

Construiu então sua própria casa na favela do Canindé com madeiras e outros materiais que ela própria coletava. Da mesma forma, sustentava sua

família, coletando papéis e ferro velho, a fim de sobreviver. Assim, guardava cadernos, livros e revistas que encontrava.

Desta maneira começou a escrever sobre sua vida e o cotidiano na favela, nunca resignou-se com relação as condições precárias impostas pelo meio em que vivia e mesmo rejeitava, nem de sua condição, embora tivesse também a noção de sentir-se igual às outras pessoas de sua classe social e etnia.

Sua obra, porém, tem relevância como fonte primária e historiográfica para a compreensão do contexto nas favelas brasileiras em meados do século XX, assim como sobre o papel da mulher nesses espaços.

Teve três filhos: João José de Jesus, filho de um marinheiro português, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima, esta última era a que sempre levava junto consigo em sua labuta diária. Mas nunca casou-se, pois presenciou, ou mesmo viveu, muitos casos de violência doméstica.

Sua obra possui relevância não apenas literária, mas também representativa de uma classe marginalizada que em sua época não tinha voz, como um testemunho sócio-político, e, para além das questões políticas e antropológicas, Carolina representa seu gênero e, mais do que isso, a voz das mulheres negras naquele contexto. Estima-se que há pouquíssimos registros de autoria similar, tornando a obra de Carolina ímpar.

Seu livro, publicado em formato de diário, “Quarto de despejo - Diário de uma favelada”, foi publicado em 1960 e, despertando curiosidade no exterior, traduzido para 13 idiomas. Ainda que escrito em linguagem simples, sua tiragem vendeu entre 10 e 30 mil cópias quando lançada, pelo fato de que Carolina fora descoberta por um jornalista, Audálio Dantas, que trabalhava na revista *O Cruzeiro*, e este divulgou seu trabalho, peculiar para a época, e conseguiu que uma editora o publicasse. Esta publicidade e o sucesso de vendas de seu livro possibilitaram a ela que se mudasse com os filhos para uma casa de tijolos nos subúrbios, fato que despertou a hostilidade de antigos vizinhos, muitos dos quais retratados em seu livro. Temendo ter suas vidas expostas, tentaram impedi-la de partir, jogaram pedras e penicos nela e em seus filhos, acusando-a de ter ficado rica às suas custas, por retratar histórias das quais faziam parte, e de não dividir seu dinheiro com os outros moradores dos barracos.

Com sua escrita testemunhal, fez sucesso, ainda que efêmero, junto à elite paulistana, criticando, inclusive, em seu segundo livro tal visibilidade, que

chamou de espalhafatosa. Continuou escrevendo e publicando outras obras, *Casa de alvenaria* (1961), *Pedaços de fome* (1963) e *Provérbios* (1963), dos quais os dois últimos foram publicados com dinheiro próprio, sem sucesso, porém, por diversos fatores, que incluíam sua personalidade e o contexto brasileiro, época em que manifestações populares eram reprimidas pelo golpe militar de 1964.

Houve também publicações póstumas: *Diário de Bitita* (1982), sendo tal nome seu apelido de infância; *Meu estranho diário* (1996); *Antologia pessoal* (1996) e *Onde estais felicidade* (2014). Possuía uma produção multifacetada, tendo gravado, inclusive, composições musicais próprias.

*Quarto de despejo* é uma obra que também retrata o início da modernização das cidades brasileiras, mais especificamente São Paulo, e conjuntamente a isso a criação das favelas, representando uma transição da localização do que é considerado marginal e antiestético para os arredores da cidade, diferentemente do que acontecia até então com os cortiços, localizados em meio aos centros urbanos.

Sua literatura atua como um documentário das questões sociais e políticas de sua época, talvez mais do que um retrato por um viés dos estudos de gênero, embora sua fala e subjetividade representem a vivência e percepção do que era ser mulher nesse contexto.

Precursora de uma literatura marginal, que veio a ser assim classificada somente a partir dos anos 1970, sua voz representa não só os marginalizados, mas também as mulheres que ainda hoje vivem em condições diversas e criam seus filhos sozinhas. Juntamente a isto, sua ânsia por ser escritora, produzir materiais escritos e torná-los literários. Sua condição, porém, mal permitia que alimentasse seus filhos todos os dias.

Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna.

Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me a andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela (JESUS, 1960, p.19).

Portanto sua busca pela escrita e pela sobrevivência são conjugadas, e neste ponto é obrigatório lembrar da obra “Um teto todo seu”, de Virginia Woolf, salvaguardando as abissais diferenças de contextos, condições sociais e todas as demais que se pode concatenar. Nesta obra, Virginia ressalta a importância de um espaço simbólico e concreto para que a mulher escritora possa exercitar sua escrita e conseguir produzir. A escritora afirma que uma mulher deve ter dinheiro e um teto todo seu se quiser escrever ficção (WOOLF, 2014). Neste ponto a liberdade econômica se faz pré-requisito para que a produção intelectual se concretize, Carolina vive por toda sua vida, enquanto escritora e mulher, e pobre e negra, este conflito e tais limitações impostas por ele.

No entanto, a condição de mulher é acompanhada do fato de não apenas ser negra, mas viver nos anos 1950, quando as condições para que sua produção literária se realizasse eram ainda mais precárias por conta de seu gênero e etnia.

A escritora Alice Walker, autora de *A cor púrpura*, embora reconheça sua legitimidade, faz uma crítica à teoria de Woolf, chamando-a de excludente quando diz respeito a escritoras negras, quando afirma que

Virginia Woolf, em seu livro *Um Teto Todo Seu*, escreveu que para uma mulher escrever ficção ela precisa ter, certamente, duas coisas: um teto todo seu (com chaves e trancas) e dinheiro o suficiente para bancar-se. E o que é para nós fazermos com Phillis Wheatley, uma escritora, incapaz até mesmo de comprar-se? Essa garota doente, frágil, negra, que às vezes precisava de um ajudante – sua saúde era tão precária – e quem, se fosse branca, seria facilmente considerada uma intelectual superior a todas as mulheres e boa parte dos homens da sociedade de seu tempo (WALKER, 1983, p. 397).

A condição de mulher negra, não apenas na época em que viviam, mas ainda hoje, faz com que sua luta por ter sua voz ouvida, e publicada, seja ainda maior. Tal ponto de vista de Alice Walker é importante aqui, pois Virginia Woolf sabia das dificuldades de ser mulher e escritora em sua época, não poder frequentar escola formal, enquanto seus irmãos iam à escola, no entanto ainda contava com alguns privilégios de seu contexto: era branca, tinha dinheiro e estrutura.

Enquanto poucas mulheres encontravam espaço para verem suas obras publicadas, a figura feminina já era largamente representada na literatura

brasileira, como musa, como romântica, como filha e mãe, como cortesã, sempre indulgente e redimida pelo amor. Ao mesmo tempo se reforçavam preconceitos de etnia, classe e de gênero, temas que interessam ao objeto desta monografia.

É possível verificar um contraste entre a mulher da ficção escrita por homens, idealizada, e a mulher da realidade, oprimida por essa visão patriarcal:

Quem não é historiador poderá ir além e dizer que as mulheres têm brilhado como um farol em todos os trabalhos de todos os poetas desde o princípio dos tempos [...]. De fato, se a mulher não existisse a não ser na ficção escrita por homens, era de se imaginar que ela fosse uma pessoa da maior importância; muito variada; heroica e cruel, esplêndida e sórdida; infinitamente bela e horrenda ao extremo; tão grandiosa como um homem, para alguns até mais grandiosa. Mas isso é a mulher na ficção. Na vida real, como o professor Trevelyan apontou, ela era trancada, espancada e jogada de um lado para outro. Assim, surge um ser muito complexo e esquisito. É de se imaginar que ela seja da maior importância; na prática, ela é completamente insignificante. Ela permeia a poesia de capa a capa; está sempre presente na história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era a escrava de qualquer garoto cujos pais lhe enfiassem um anel no dedo. Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos mais profundos da literatura vieram de seus lábios; na vida real, ela pouco conseguia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido (WOOLF, 2014, p.65-67).

De acordo com Norma Telles, “para poder tornar-se criadora, a mulher teria de matar o anjo do lar, a doce criatura que segura o espelho [...], e teria de enfrentar a sombra [...], o monstro da rebeldia ou da desobediência” (TELLES, 1997, p. 408). Tal processo de negar a visão estereotipada do *anjo do lar*, tão sujeita à masculina autoridade e autoria, demandava que se escapasse desse lugar de negação e falta de autonomia.

A expressão da individualidade feminina era comprometida na medida em que esta não vivia como um ser individual; sua existência é sempre conjugada a um papel com relação a alguém: filha, esposa, mãe, nunca ela apenas, sem ser sempre algo a partir da perspectiva do outro. Sua manifestação, de forma geral, era tolhida em nome de convenções sociais e culturais das épocas passadas, sempre restrita e submissa para que não ultrapassasse a linha tênue que as marcaria a ferro de histéricas, mal educadas, inapropriadas, vulgares, egoístas;

tudo aquilo que nos homens era apenas sinal de personalidade e até inteligência. “A não afirmação social da mulher se repetia na sua não afirmação pela palavra” (TELLES, 1997, p. 423).

Nesse sentido, o jornalismo teve um papel muito importante, por seu caráter democrático, por ser mais barato e acessível às massas do que o livro. Vários grupos de mulheres de classe média no Brasil fundaram periódicos no século XIX, de norte a sul do país, no intuito de fazer reivindicações e compartilhar informações, tais como *Escrínio* e o *Corymbo*, de Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, do Rio Grande do Sul, além do *Tribuna Feminina*, do Rio de Janeiro; *O sexo feminino*, de Francisca Senhorinha da Mota Diniz, do mesmo estado; e a revista literária *A Mensageira*, da escritora Prisciliana Duarte de Almeida, em São Paulo, publicada ininterruptamente entre 1987 e 1900.

Dentre ideias para o lar, faziam campanhas pela educação e independência econômica da mulher, embora houvesse divergências entre as opiniões das articulistas tal campo começava a então se abrir para as mulheres. O voto feminino, suas lutas e conquistas em outros países, era noticiado amplamente, assim como a elegibilidade da mulher na política e os movimentos culturais, que vinham acontecendo desde a abolição até a década de 1920 no Rio de Janeiro, a então capital nacional.

A despeito dessas vozes femininas em circulação, a mulher ainda foi vista como frágil e incapaz, física e mentalmente, por muito tempo, vide a maneira como era representada na literatura feita por homens naquele período, bem como ainda nos posteriores.

No entanto há uma voz discordante. [...] Machado de Assis. [...] São também de Machado de Assis as personagens femininas mais complexas. Fugindo ao ideário europeu que identificava mulher e natureza, vida telúrica e animal e identifica o homem com uma vida artificial, Machado de Assis realiza deslocamentos e apaga fronteiras. Assim, suas personagens femininas acabam abrigando novos temas, do inconsciente ao contexto histórico. (TELLES, p. 430, 1997)

Ainda utilizando o jornalismo como plataforma de manifestação, é possível citar o trabalho de Patrícia Galvão, a Pagu, que na década de 1920 foi

uma importante jornalista, escritora e militante política e intelectual, que causou uma grande ruptura com relação aos padrões femininos da época, juntamente com o Modernismo, que não liberava especificamente a mulher dos padrões arcaicos de representação, mas começava a romper com sua figuração estreita no mundo das artes.

Os diários, espaços tão amplamente utilizados pelas mulheres ao longo dos séculos, tenham sido uma primeira forma de manifestação e resistência em nome de uma subjetividade particularmente feminina, no entanto, por sua própria natureza, tais espaços sempre se quiseram velados.

Quanto da História não poderia ser contada a partir de uma perspectiva do gênero feminino, de forma diferente, um outro viés, se se tivesse acesso aos diários tão largamente produzidos? Quanto de literatura feita por mulheres não se teria? Como foi o caso do testemunho de Carolina transcrito em seu diário-livro, que constitui-se de material de grande valia para a historiografia brasileira, da mulheres e dos afrodescendentes.

Um exemplo são os cadernos de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889-1985), a Cora Coralina, que continham inspirações, memórias e anotações diversas. Apenas com o curso primário, muito cedo viúva, foi contadora de histórias e poeta, seus poemas provém de suas memórias: de infância, da mocidade, da vida difícil. Tornou sua realidade, e Goiás, sua terra, matéria prima de sua literatura poética.

A questão do pouco acesso à alfabetização, além do medo de se expor em uma área, a das letras, que “não era coisa de mulher direita”, pois seu lugar era longe da esfera pública, era uma barreira para as mulheres até meados do século XIX no Brasil, quando quem tinha acesso aos livros eram no máximo as professoras, e aos romances, moças e senhoras das classes altas.

Avançando um século, em meados do XX, pessoas como Carolina, de origem afrodescendente, ainda tinham a mesma dificuldade: acesso à alfabetização, aos livros, à produzir literatura.

Podemos afirmar, neste ponto, que ainda que esta monografia esteja sendo escrita dezesseis anos após o início do século XXI, pouco mudou no

sentido de que é pequeno o acesso à educação e cultura por parte das camadas mais populares. No entanto, a produção escrita cede espaço a outros tipos de manifestações, mais do que nunca, a expressão dos guetos, de uma forma ou de outra, é ouvida e imposta para quem não quer ouvir; a música, a dança e as artes visuais, mais especificamente o grafitti, têm grande importância e cumprem relevante papel neste ponto, além da valorização das raízes afrodescendentes, a expressão de uma realidade que se quer não invisibilizada, que se vê como parte da cultura brasileira.

Os movimentos negros norte-americanos do século XX contribuíram, direta e indiretamente, para que a população negra brasileira encontrasse representatividade na cultura *mainstream*, dessa forma, elementos foram absorvidos e, assim como lá, o Hip hop, por exemplo, além de ser uma mistura de ações artísticas dos jovens negros das periferias, tornou-se uma forma de cultura que ganhou espaço também no Brasil como maneira de expressão da cultura afro-brasileira atualmente.

No entanto, tais produções ainda são dominadas por artistas do gênero masculino e as mulheres encontram aos poucos seus nichos, seus papéis dentro desses movimentos. Poucas, porém, conseguem conjugar sua arte com as contingências da vida na periferia, o desemprego, o pouco acesso ao ensino e, muitas vezes, à criação dos filhos que chegam precocemente.

Cláudia Fonseca, em texto intitulado “Ser mulher, mãe e pobre”, da mesma publicação, falando sobre a condição da maternidade e pobreza nos centros urbanos nas primeiras décadas do século XX, afirma que:

Há uma tendência, nas análises tradicionais, de espelhar o sistema vitoriano de classificação. Dividindo as mulheres entre santas ou demônios, pacatas donas de casa ou prostitutas, os pesquisadores simplesmente não enxergavam dinâmicas sociais que driblam esses dois pólos. Da mesma forma, cientistas sociais se agarraram durante décadas à crença na normalidade – estatística, natural, moral – da família conjugal.

Hoje, vemos que essa crença, além de ter reforçado a estigmatização das famílias pobres – vistas inevitavelmente como desorganizadas por não corresponderem ao modelo ‘normal’-, impediu gerações de pesquisadores de atentar para a diversidade de dinâmicas familiares no Brasil. (FONSECA, 1997, p. 513)



O protótipo da família patriarcal extensa diz respeito a apenas uma pequena parcela da história brasileira, há dinâmicas particulares que contradizem o modelo nuclear imposto, e não tão recentemente há um aumento do número de famílias chefiadas por mulheres no Brasil. Numerosamente mais nas classes baixas da população porque tal fato é historicamente ligado à pobreza e ao pressuposto de que as mães são mais responsáveis por seus filhos do que os pais; no entanto o movimento feminista e a autonomia feminina dele provinda também contribuem para que tal configuração tenha se estabelecido e para que hoje o cenário seja esse e as mulheres sintam-se capazes de chefiar a família sem a necessidade da figura arcaica do 'homem provedor'.

Carolina não tinha o apoio dos pais de seus filhos, e por meio de seus relatos, demonstra não ter parentes nem amigos com quem contar, o que torna seu fardo ainda mais pesado no que diz respeito à criação de seus dois meninos e de Vera Lúcia, além de sua própria subsistência. Alguma instituição filantrópica, políticos e Igreja parecem, ao longo da narrativa, dar algum auxílio esporádico fornecendo alimentos à população da favela do Canindé naquela época.

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barraco ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escrava indianas.

Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis" (JESUS, 1960, p.14)

No meio em que vive, Carolina busca, inclusive, se manter afastada das pessoas da favela, não se identifica com elas e fica recolhida em seu barraco sempre que pode. Como descreve nesta passagem: "[...] Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois

anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade” (JESUS, 1960, p.13).

A autora chegou à favela do Canindé quando foi lá despejada pela prefeitura da cidade de São Paulo, que à época estava desocupando determinadas áreas, junto com outras famílias em situação precária. Sua filha conta que chegaram todos em um caminhão e foram lá despejados, como trastes, e por esse motivo sua mãe intitulou seu livro de “Quarto de despejo”, porque assim considerava as favelas:

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 1960, p. 29).

Gostava de ficar dentro de casa, com as portas fechadas. “Não gosto de ficar nas esquinas conversando. Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo!” (JESUS, 1960, p.23). Sua personalidade divergia muito da de seus vizinhos, não se envolvia em brigas, que eram freqüentes e, principalmente, não gostava de catar papel, para se distrair dizia fazer de conta que estava sonhando.

Há trechos em que Carolina distrai-se de sua realidade, de sua identidade, de sua miséria, e é lírica, como quando diz que “A noite está tépida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido.” (JESUS, 1960, p.28); demonstra também seu gosto pela leitura em diversas passagens, em uma delas afirma que não sabia dormir sem ler e gostava de manusear um livro, sendo o livro a melhor invenção do homem.

Carolina viveu seus últimos anos em um sítio que ela mesma comprou, em Parelheiros, São Paulo. Um teto que, finalmente, era seu.

Ela não era apenas uma escritora da carência de recursos, a partir de uma visão mais ampla de sua obra é possível detectar uma riqueza cultural e soberania em relação a sua própria vida, ela era, acima de tudo, com todas as suas faltas materiais, muito dona de si.

Além de bastante politizada, dentro de suas possibilidades: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças.” (JESUS, 1960, p.26). Como grande parte da população de sua época, que encontrava nos direitos trabalhistas e no pretense interesse pelo povo, uma cena inédita na política brasileira, era fã de Getúlio Vargas.

Conceição Evaristo, professora na UFF (Universidade Federal Fluminense) e também escritora, afirma que grande parte da aceitação e sucesso de vendas do livro de Carolina, na época de seu lançamento, era também uma forma da classe intelectual e política, assim como da classe média, se libertar de uma culpa inconsciente pela condição desigual à qual os pobres estavam sujeitos.

### 3. MULHER, NEGRA E PERIFÉRICA

Qual é o testemunho das mulheres afrodescendentes na literatura? Por que há poucas vozes que as representem? Durante muito tempo o que foi considerado cânone privilegiou estéticas europeizantes, que tiveram como modelo aquilo que era produzido a partir de uma visão hegemônica de cultura, que partia, em sua maioria, de uma elite econômica, estabelecendo os parâmetros do que era considerado arte e alta literatura.

A literatura marginal rompeu com os padrões, de forma que a arte e a escrita passaram a representar também as minorias, a periferia, os centros urbanos, outros grupos sociais e etnias.

Dessa forma, a linguagem coloquial das classes populares e os problemas sociais passaram a protagonizar as narrativas, abrindo espaço para que vozes antes não ouvidas pudessem se manifestar.

Embora Carolina escreva de forma “errada” em alguns momentos, notadamente busca expressar-se de forma rebuscada e, por vezes, lírica, seu vocabulário é bastante rico. Relata seu cotidiano em um diário, mas está consciente de que realiza uma produção literária e tem isso como objetivo.

Sua expressão, sua obra, é marginal na medida em que ela representa um grupo periférico, que não tinha seus relatos e seu cotidiano publicados e produzidos por alguém que realmente vivia aquela realidade, salvo raríssimas exceções, que ainda assim não retratavam especificamente a realidade da mulher, afrodescendente e periférica, através de sua própria voz, de seu próprio testemunho.

Há um interesse em sua obra, ainda que inconsciente, literário, primeiramente, mas também antropológico e filosófico. Sua literatura é de movimento, de experiência de vida.

Carolina foi precursora em muitos aspectos, e produziu literatura marginal antes da Literatura marginal, escreveu a partir de sua realidade e de seu gênero feminino.

13 de maio. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. [...] E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual – a fome! (JESUS, 1960, p. 27).

É necessário levar em conta os efeitos do pós-colonialismo sobre a cultura e sociedade brasileira, o decentramento da cultura europeia sobre o Brasil, tal efeito se deu lentamente, trazendo consigo, à tona, tudo que estava à margem. Construções discursivas como a de Carolina são reflexo disso. A voz é a de um povo colonizado que nunca deixou verdadeiramente de ser colônia de exploração, ainda que não de Portugal, ainda que explorados de outras formas.

Uma característica no discurso de Carolina é que sua revolta, silenciada e silenciosa, só encontra manifestação em sua escrita, não há grito, há apenas uma não conformidade que aparece em diversos trechos de seu diário, mas resulta de forma infrutífera e populista, como a maioria dos brasileiros em sua condição, espera por auxílio dos políticos, da saúde pública e da polícia, não que haja um conformismo, mas percebe-se que ela se vê sem muitas armas para lutar por ela mesma contra sua condição, o que é condizente com a consciência popular da época em que viveu.

Tem esperança em superar sua realidade e sair da favela, ir morar em uma “casa de alvenaria”, termo que vai dar nome a seu livro seguinte, e realmente o consegue.

Sua realidade não permite que busque alternativas, tem os filhos para alimentar, e seu único escape é, definitivamente, a leitura e a escrita.

Ela também não se insere como *igual* em uma luta coletiva, feminina, negra ou favelada, não carrega bandeiras. Há um forte sentimento de não pertencimento, ela não é sua condição. Ela sabe, o tempo todo, que *está* na favela, mas que seu meio não a define. Sua visão do que é ser negra é pouco discutida, mas bastante condizente com a época em que viveu, há uma visão de que tornar-se aceita pela sociedade fora da favela parte de um modelo branco de identidade, uma visão inferior de si mesma que já é naturalizada. Resultado

histórico de um país que recém saiu do regime escravocrata, no qual o negro e sua cultura continuam marginalizados e discriminados.

No entanto sua posição como mulher é autônoma, consciente de sua importância como indivíduo independente de um par, e desligada dos padrões de seu tempo, demonstrando uma força subjetiva e uma superação das dificuldades inerentes à uma mulher criando seus filhos sozinha com quase recurso nenhum, predizendo uma emancipação feminina.

A partir da literatura de Carolina, é possível reconstituir um testemunho documental importante da mulher negra na História brasileira, da mesma forma, seu discurso textual recupera a história de vida e de luta de toda uma coletividade, para além de seu gênero e condição social, importante para a memória afrodescendente brasileira.

Por este viés, ela não está como à margem da realidade de sua negritude, já que este é seu próprio centro. Carolina atua então como mediadora entre sua etnia, seu olhar individual e a sociedade, de forma quase que didática àqueles fora dessa realidade, expondo aquilo que é omitido do discurso literário das *belle lettres* a partir de seu registro confessional, doméstico e particular, transformando sua realidade e alteridade em arte.

O livro... me fascina. Eu fui criada no mundo. Sem orientação materna. Mas os livros guiou os meus pensamentos. Evitando os abismos que encontramos na vida. Bendita as horas que passei lendo. Cheguei a conclusão que é o pobre quem deve ler. Porque o livro, é a bussola que há de orientar o homem no porvir (...) (JESUS, 1996, p. 167.)

Em Carolina há uma distinção em relação às mulheres de seu tempo e contexto, um certo orgulho e uma persistência. Mesmo sob as condições nas quais ela conseguiu escrever. Sua questão vai ainda mais além da marginalidade, no sentido de estar à margem do cânone e à margem da sociedade, ela publicou não só como mulher, mas como negra, e mais além, como alguém que morava na favela.

A literatura afro-brasileira tem como função primeira romper com o emudecimento relegado até então sobre a verdadeira história brasileira, em seus

aspectos de injustiça e violência, revolta e também resistência. Busca levar em conta os intervalos, as lacunas entre as relações raciais brasileiras, as concepções dominantes que fizeram com que lutas fossem esquecidas e ignoradas, compreender a que interesses a narrativa histórica atende e como a história foi escrita.

Um destaque contemporâneo na literatura afro-brasileira feminina é Conceição Evaristo (1946), nascida em Belo Horizonte, teve em Carolina Maria de Jesus uma figura que a inspirou. Iniciou a publicação de sua literatura na série *Cadernos Negros*, do Grupo Quilombhoje. Possui obras traduzidas e publicadas no exterior. Seu livro *Ponciá Vicêncio*, de 2003, bem como sua obra, tratam de temas como preconceito de classe, gênero e etnia. É participante do movimento negro e de eventos relacionados ao tema, além de professora universitária.

#### 4. SER MULHER E ESCREVER LITERATURA HOJE

O último quarto do século XX trouxe consigo a expressão de muitas vozes antes caladas, várias minorias encontraram espaço para suas manifestações, literárias, artísticas e sociais, superando retóricas dominantes, opressoras e silenciadoras.

A mulher, dentro da sociedade brasileira, ainda vem lutando por mudanças em diversos âmbitos, o movimento feminista tem contribuído para muitos progressos dentro da produção e visibilidade artística feminina, mas a mulher negra e periférica dentro dele, juntamente com suas demandas, ainda necessita crescimento e representatividade.

Ainda que a pós-modernidade tenha aberto espaço para uma multiplicidade de identidades, há muitos resquícios patriarcais na cultura brasileira. Tais resquícios, no entanto, tornaram-se uma temática muito profícua na literatura e nos quadrinhos femininos brasileiros e em todo o mundo. As mulheres têm buscado, acima de quaisquer outras características, imprimir suas impressões acerca do que é ser mulher, na sociedade e na subjetividade.

A literatura é um campo dominado pelos homens, mas no Brasil sempre houve fortes representantes femininas, que pavimentaram o caminho lírico daquelas que continuaram e continuam escrevendo e inserindo seu nome e, mais importante, suas palavras, no universo das letras.

Clarice Lispector, Cecília Meireles, Cora Coralina, Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles, Ana Cristina César, além de muitas que mereceriam ser citadas também. Mais recentemente, Marcia Tiburi, Fernanda Young, Clarah Averbuck, Vange Leonel, Carol Bensimon, Marina Matiazi, Lubi Prates, Vanessa C. Rodrigues, bem como muitas outras, e uma infinidade de meninas e mulheres que começam a também despontar nos quadrinhos nacionais, que são uma forma riquíssima de se produzir também literatura.

As representantes mulheres negras contemporâneas na literatura ainda são poucas, mas essa ausência tende a ser preenchida conforme a sociedade brasileira e suas representações sociais se modificam.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se investigar o fenômeno da produção literária feminina da mulher negra inserida em contexto social de pobreza no Brasil, mais especificamente a partir da literatura de Carolina Maria de Jesus dentro da representação de seu diário, este, somado ao material bibliográfico referente à tal discussão trouxe embasamento e fundamentação teórica para desenvolvimento da pesquisa acerca do tema.

Concatenar a respeito da representação da mulher, de sua alteridade, e, mais especificamente da subjetividade de Carolina Maria de Jesus na obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” é uma tarefa de alteridade. Como pesquisa realizada por alguém fora do contexto descrito, houve a preocupação de não roubar o lugar de fala de alguém que é negro e que é o verdadeiro protagonista desta identidade.

A obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” caracteriza-se pela intensa análise do momento interior em conjugação com o exterior. Inserida no processo da memória e da análise do ambiente em que vive, e mais do que isso, da realidade em que está inserida, transcende o plano psicológico quase que para o metafísico, na medida em que sua narrativa é também marcada por um involuntário confronto existencialista e antropológico, e questiona os mecanismos sociais e as condições às quais determinadas faixas populacionais se veem tendo que viver de maneira compulsória, reféns de uma realidade que não conseguem mudar, geração após geração.

Carolina Maria funde objetividade com subjetividade como focos literários, alternando o tempo cronológico e o tempo psicológico, o presente entremeado ao flashback. Por fluxos de consciência, ela expõe sua vida interior, suas experiências de favelada contrapostas às de mulher, mergulhando ora no passado, ora no presente, segundo o fio condutor da memória e da descrição de seus dias. As dores da Carolina refletem muito da dor da mulher negra, há bastante solidão em suas descrições.

Referencial importante para os Estudos Culturais, no Brasil e no exterior, a obra de Carolina Maria de Jesus e, mais especificamente, seu *Quarto de Despejo* inspirou manifestações artísticas diversas, como por exemplo a letra do samba “Quarto de Despejo” de B. Lobo; a adaptação para peça de teatro de Edy

Lima; outra adaptação, esta realizada pela Televisão Alemã, com a própria Carolina de Jesus como protagonista do filme "Despertar de um sonho" (ainda inédito no Brasil); o livro "Eu te arrespondo Carolina", de Herculano Neves; e, finalmente, a adaptação do livro e da história de vida de Carolina por parte da Rede Globo para o programa "Caso Verdade", em 1983.

Há ainda material inédito deixado por Carolina de Jesus em 58 cadernos que somam 5.000 páginas de texto, constituídos de sete romances, quatro peças de teatro, 100 poemas e 12 letras para marchinhas de carnaval, além de 60 textos curtos, nos quais trabalha na organização a pesquisadora Raffaella Fernandez.

Foi lançado, em 2014, o Portal Biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus ([www.vidaporescrito.com](http://www.vidaporescrito.com)), como resultado do *Projeto Vida por Escrito - Organização, classificação e preparação do inventário do arquivo de Carolina Maria de Jesus*, contemplado com o Prêmio Funarte de Arte Negra.

Em 2015, foi lançado também o livro *Vida por Escrito - Guia do Acervo de Carolina Maria de Jesus*, organizado por Sergio Barcellos, mapeando todo o material da escritora que está custodiado por diversas instituições, dentre elas a Biblioteca Nacional, Museu Afro Brasil, Instituto Moreira Salles, Acervo de Escritores Mineiros (UFMG) e Arquivo Público Municipal de Sacramento, no Estado de Minas Gerais.

Um evento importante em homenagem à autora, criado pelo *Carolinas - Coletivo de Mulheres Negras*, da Uerj, aconteceu em julho do ano de 2016, no Rio de Janeiro, a *1ª Semana Carolina de Jesus: Mulher Negra e a Cultura Periférica Afro- Brasileira*, com diversos trabalhos acadêmicos apresentados, Oficinas, Vivências, Feira Afro empreendedora, exposição artística, Saraus, Mesas para debates acerca dos temas literatura periférica, linguagem e escrita marginal; a mulher negra na arte e dramaturgia; a discriminação na mídia; além de o evento contar com uma roda de samba e baile black.

Nota-se que o tema da literatura feita por mulheres, assim como suas diversas especificidades e questões às quais o assunto dá margem, são cada vez mais discutidos nas redes sociais, nos periódicos, nos trabalhos acadêmicos. Tal exposição é bastante positiva para a visibilidade e representação necessária que o gênero feminino ainda busca galgar não só no campo das artes, mas também no da ciência e demais áreas do conhecimento.

Pessoas como Carolina Maria de Jesus, que resistem e impõe sua voz, são importantes não apenas para que as minorias se sintam representadas, mas para que a diversidade seja respeitada e valorizada, sabendo-se agregadora de riqueza cultural e subjetividade aos discursos.

## 6. REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. *E Agora Falamos Nós: Literatura Feminina Afro-brasileira* (Artigo). UFMG. Disponível em: <<http://150.164.100.248/literafro/>>. Acesso em: 24 de set. 2016.

BARBOSA, Sirlene; PINHEIRO, João. *Carolina*. São Paulo: Veneta, 2015.

CHAPMAN, Tracy. Fast car. In.: *Tracy Chapman*. Elektra: Canadá. 1 Vinil. 1988.

F. DE S. PAULO. *Evento em São Paulo homenageia a escritora Carolina Maria de Jesus*. Ilustrada, 12/11/2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1547045-evento-em-sao-paulo-homenageia-a-escritora-carolina-maria-de-jesus.shtml>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Editora Ática, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. São Paulo: Xamã, 1996.

MAGNABOSCO, Maria M.; RAVETTI, Graciela. *Carolina Maria de Jesus* (verbete) Disponível em: <[http://www.catalogodeescritoras.ufsc.br/catalogo/carolina\\_vida.html](http://www.catalogodeescritoras.ufsc.br/catalogo/carolina_vida.html)>. Acesso em: 20 ago. 2016.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WALKER, Alice. *In Search of Our Mothers' Gardens: Womanist Prose*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich [S.l.], 1983, p. 397.

\_\_\_\_\_. *The Color Purple*. London: Women's Press, 1992.

*Somos Carolinas*. Disponível em: <<https://somoscarolinas.wordpress.com/>>. Acesso em: 24 set. de 2016.

*Think Olga*. Disponível em: <<http://thinkolga.com>>. Acesso em: 20 ago. de 2016.

Normas para elaboração de trabalhos acadêmicos. Disponível em: <[http://www.utfpr.edu.br/curitiba/biblioteca-e-producao-academica/normas-para-elaboracao-de-trabalhos-academicos/copy\\_of\\_normas\\_trabalhos\\_utfpr.pdf](http://www.utfpr.edu.br/curitiba/biblioteca-e-producao-academica/normas-para-elaboracao-de-trabalhos-academicos/copy_of_normas_trabalhos_utfpr.pdf)>. Acesso em: 24 set. de 2016.

*Carolina de Jesus – Vida e obra literária*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=61zufO8Snjl>>. Acesso em: 20 ago. de 2016.

*Carolina Maria de Jesus*. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/tag/carolina-maria-de-jesus/#gs.zscw0hs>>. Acesso em: 20 ago. de 2016.

*Quarto de despejo, a peça por Elvira Bezerra, Julia Menezes e Laura Klemz*. Disponível em: <<http://www.blogdoims.com.br/ims/quarto-de-despejo-a-peca-por-elvia-bezerra-julia-menezes-e-laura-klemz>>. Acesso em: 20 ago. de 2016.

*Escritora que vivia do lixo é homenageada na balada literária*. Disponível em: <<http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2014/11/19/escritora-que-vivia-do-lixo-e-homenageada-na-balada-literaria.htm>>. Acesso em: 20 ago. de 2016.

*Carolina Maria de Jesus: filha fala sobre vida e obra da escritora*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qRjDmmWAFEO>>. Acesso em: 25 set. de 2016.

*Carolina, minha mãe... Vera Eunice no CEU Alvarenga*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lwf9NDcG3SE>>. Acesso em: 25 set. de 2016.

*Poética da diáspora* (Pesquisa Fapesp). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T0ncwWD1C9g>>. Acesso em: 25 set. de 2016.

*Carolina Maria de Jesus – O pobre e o rico* (cantando suas composições). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=cRS-us\\_RpUQ](https://www.youtube.com/watch?v=cRS-us_RpUQ)>. Acesso em: 25 set. de 2016.